

ALMEIDA, J. A. Pio de. *As brasinas*. Porto Alegre: AGE, 2001.

J. A. Pio de Almeida é desses literatos que não se deixam conhecer pelo grande público, se é que se pode falar em grande público, em se tratando de literatura, entre nós.

As brasinas é um livro de narrativas, que o estudo introdutório (*As brasinas em seu clarão*), assinado por Fernando O'Donnell, chama de *estampas*. A obra estampa doze *estampas*. Antes do sumário, em página especial, à guisa de epígrafe, aparece breve informação sobre o termo que intitula a obra, algo como um verbete: “*Brasino* – Pelagem de gado vacum rio-grandense de sangue crioulo. Vermelho esbraseado, com riscas negras verticais. A rês brasina é arisca por natureza – bravia, de costeio difícil”. *Costeio* é o termo que designa o manejo, o trato (difícil) que esses animais requerem por parte dos homens. Trata-se pois de advertência ao leitor: ele não encontrará textos corredios, de leitura flutual (usando neologismo de Melo Neto em *Catar feijão*), nem mesmo se ele conhece o meio cultural em que as narrativas se instauram.

Abaixo do título, na página de rosto, como se fosse extensão de título (que não aparece na ficha catalográfica nem na folha de abertura) aparece uma das frases marcantes da obra: “A cadena do Tempo não tem complacência, é rio bravo que passa desbarrancando”. Por essa frase se pode ter uma (talvez) frágil idéia do trabalho de construção de linguagem literária que a obra propõe ao leitor. O discurso é construído a partir da observação de falas anônimas de mulheres e homens simples dos campos gaúchos e da convivência com elas, que ao longo das narrativas ficam evidenciadas. Trata-se da amplitude das “campuras” do pampa, cortadas e umedecidas pelas águas do Queguay (em território uruguaio), do Uruguai, do Ibicuí, do Ibirocai, do Inhanduí e de outras correntes profundas.

As *estampas* são contos marcados por consciente prática poética. As narrativas de *As brasinas* misturam técnica tradicional de um narrador que explica algumas passagens e apresenta alguns personagens e comenta detalhes especiais deles a inovações técnicas que o leitor vai descobrindo. Com clarividência sobre o que faz, Almeida fixa a vida nos campos e nos rios da região da fronteira sudoeste do Rio Grande do Sul. As narrativas surpreendem pela simplicidade, pela criatividade, pela elaboração discursiva, pela beleza intrínseca das coisas simples e verdadeiras. Desse modo, a ficção penetra o mundo concreto-sensorial sem perturbá-lo no que tem de chocante nem desfigurar a poesia das coisas naturais. Os textos chegam reforçados pela destra habilidade

discursiva, que reelabora falares, reinventa-os e por isso atinge o que Vinícius de Moraes denominou a “dimensão da poesia” (no poema *Operário em construção*).

A frase inserida imediatamente abaixo do título na página de rosto, conforme foi há pouco mencionado, é a que fecha a primeira narrativa – *Veio o Tempo num rasante apagando cabedais*. A forma da apresentação gráfica das narrativas sugere espaços de silêncios, reflexões custosas, interrupções de andamento, vozes diversas que se completam. Constrói-se, portanto, desse modo, um conjunto de textos dialógicos entre si e em cada unidade textual. Transcrevo um exemplo, tomado dum dos blocos narrativos do primeiro texto:

A trompa alta do berro bravo do touro me dói nesta distância.
– Destino feito, sem mais ocasião, gosto vivido.
A substância rubra dos maulas virou gente geral, de nada...
O fogo das vespas virou cinza.
O espanto das espadas aluiu.

Fausto Balastraca, personagem a quem o narrador entrega a voz em várias ocasiões, é personagem com algo da qualidade de Blau Nunes, personagem e narrador nos *Contos gauchescos* e nas *Lendas do Sul* do agora clássico Lopes Neto. Balastraca aparece em mais de uma narrativa. “Nada esmaecia a sua imagem nítida, algo de cardo e do líquen dos pedregais [...]”. A segunda narrativa se intitula no nome do personagem – *Fausto Balastraca*. Não se desconsiderem semanticamente nem o prenome nem o sobrenome dele. Eis uma passagem: “No vasto celeste, como éguas alumizadas, o estrelame descendo... Esvaindo-se em cinza as toras cernosas no fogo-de-chão... Os campeiros dormem sobre seus pelegos, debaixo do poncho...” Transcrevo mais uma: “A empafiosa petulância de certas pessoas que vedes por aí era floreio e firulete em falso – desfalce à-toa, suministro ruim, das catervas”. Ouvem-se aí a voz do narrador e a voz (nele) do Balastraca. Eis o fecho da narrativa – como morreu Fausto Balastraca: “O Alumiado deu um tirão na luz e se bandeou”.

A terceira narrativa trata da vida de caçador e pescador, o homem dos rios. “Saía do porto de Uruguaiana [...] no canoão liso, uma beleza, e subia as águas juntas do Uruguai, do Ibicuí, do Ibirocaí – pano de vela onde dava, a duro remo o restante, vinte léguas e algo mais...” Nesse texto, personagens vivem a convivência de homens do campo, que falam castelhano do local e gauchês brasileiro. Em vários textos, como nesse, cruzam-se personagens do imaginário, lendas e mitos que teceram e tecem nossas culturas gaúchas.

Magistral como as demais, mas especialmente mítica, é a base da quarta narrativa – *A credentia alumando as horas vagas do campo*. “Visão – afirmava Blastraca – não se detalha – é aquele golpe!” A *Visão* tem nome: chama-se Pé-de-Vento. É a presença memorial da nação charrua massacrada – “[...] naquela época os oropas matavam índio como se fosse cobra: a fim de les tomar as terras, a gadaria vacuum e a cavahada. E a gringalhada tinha impérios, bem armada e ruim na judiaria. Cem anos a fio durou a matança contra os charruas”. Por isso, “Pé-de-vento povoa a solidão adentro e fora dos home. No Pampa”.

A quinta narrativa revive um costume do pampa, uma curiosa cerimônia fúnebre, de gente que vivia afastada de qualquer assistência e por isso criava seus próprios ritos, para construir a permanência da memória possível. “Não cabendo missa para nossos mortos, havia o Velório da Cruz, sacramento, o qual, segundo os mais velhos, valia tanto quanto o Ora Pro Nobis na boca rezadora do vigário capelão”. “Meus mortos? Nós, campeiros, entendemos diferente: estão apenasmente noutra plano. Na Ihanura rio-grandense, o esquecimento nos é desconhecido”.

Bento Capincho é outra personagem marcante na obra. É o peão-caseiro, de emprego que hoje denominam informal. Imaginoso e simples, narrava episódios da própria vida com toques da imaginação, em que acabava acreditando. Bento Capincho é o herói da sexta narrativa.

Aves de destino e avisos do outro mundo, a sétima narrativa, trata de três pássaros lendários. O *sem-fim*, que emite esse som, é uma alma penada. “Não se apedreja o pássaro *sem-fim* – adverte o povo campeiro – para que se cumpra a inteira sentença do Santificado...” Traz mau agouro. Quem não o ouve, como aconteceu ao domador Cantalício, encurta seus dias. Outro pássaro encantado é o urutau, cuja pena tem poder de sedução.

Dona Maria Constância de Araújo, o oitavo texto, é uma das muitas histórias de mulheres corajosas. Habitantes solitárias do pampa, por viuvez, torna-se capaz de enfrentar guerreiros decididos a matar.

O cidadão Pedro Jorge Murad e seu cavalo baio trata dum mascate que se distinguia pela coragem. Defende mulheres de uma família, cujo esposo e pai se ausentara a negócio, viagem breve. O mascate pede pousada. Atendido, abate assaltantes dos campos, que pretendiam aproveitar-se da situação.

De guerras e tropelias trata também a décima unidade. Intitula-se *Entrevero de armas no potreirão do Aferidor*. O narrador Felipe Nunes de apresenta: “São tropeços e

caravoltas os mestres duma pessoa rude, como este que vos fala e os demais da mesma laia”. O narrador relata episódio da própria fuga, por ocasião de ataque de surpresa de tropa numericamente superior e imbatível.

Não falta a narrativa do animal indistinto, que não morre, mesmo a tiros. “Depois de grande estropício, o Bicho Preto descia ao tranco a ladeira das casas – e sumia noite a dentro. Ficava a sua fedentina – de vinte zorrilhos acima. De Ângelo Ancina ninguém duvidaria dele. Caso moirão de inhanduvá fosse gente – havia de pedir permissão a dom Ancina, no tocante à dureza do cerne da palavra”.

Caso de trapaça é a história de *Don Gavino Botelho*. É a última história. Pela localização desse texto com relação aos demais, o último parágrafo demonstra a clara consciência do gaúcho. “Pá! Se a los gobiernos constituídos de la nación los saquean los gringos de afuera – por que un turco no me saqueria a mim, que soy un gaucho rudo y iletrao!...”

As brasinas é um livro recomendável a quem estuda literatura, a quem estuda línguas, a quem estuda história, a quem estuda folclore, a quem gosta de ler, a quem se interessa por culturas, a quem quer conhecer seu país. A obra está repleta dos ares do Sul e impregnada de curiosos matizes da condição humana. Trata-se de obra ainda à espera de estudos, especialmente cotejos com outras obras marcantes.

Cícero Galeno Lopes
Porto Alegre, junho de 2007.